

# Black and Red: o debate sobre raça e classe nas páginas do jornal socialista *Versus* (1975-1979)

Flavia Rios\*

## **Resumo:**

Durante a abertura democrática, uma nova geração de ativistas negros emerge no espaço público em diálogo e em contraste com a esquerda socialista. A imprensa alternativa da época é o espaço privilegiado para flagrar o tenso debate que mobiliza o repertório discursivo que relaciona a raça à classe. Tendo isso em perspectiva, investigo o modo como tal debate foi exposto num importante jornal alternativo, chamado *Versus*, e mostro quais eram os interlocutores privilegiados dessa geração socialista que buscava articular intelectualmente o binômio raça e classe no contexto de lutas por democratização do país.

**Palavras-chave:** Imprensa alternativa; Movimento Negro Unificado; Socialismo.

## Black and Red: The Debate on Race and Class in the Pages of the Socialist Newspaper *Versus* (1975-1979)

## **Abstract:**

During the democratic opening a new generation of black activists emerges into the public space, both in dialogue with and contrasting with the socialist left. The alternative press of the time is the privileged space to analyze a tense debate that mobilizes the discursive repertoire relating race to class. From this perspective, I investigate how this debate was portrayed in an important alternative newspaper called *Versus* and I identify the privileged interlocutors of this socialist generation that sought to intellectually articulate the ideas of race and class in the context of struggles for the democratization of Brazil.

**Keywords:** Alternative press; Unified Black Movement; socialism.

## Introdução

Uma das singularidades do ciclo de mobilização dos negros que emergiu nos finais dos anos setenta foi a presença marcante das esquerdas políticas (Santos,

---

\* Esse artigo é resultado das reflexões do primeiro capítulo de minha tese de doutorado, que foi desenvolvida na Universidade de São Paulo, com o financiamento da FAPESP (2010-2014). Ver Rios (2014).

\*\* Pós-doutoranda (CAPES) na Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF), Campos-RJ, Brasil. End. eletrônico: flaviamrios@yahoo.com.br

1992; Hanchard, 2001; Soares, 2012). Nesse sentido, não seria de todo incorreto afirmar que o surgimento do movimento negro contemporâneo recebeu fortes influências das esquerdas, gestadas durante o período do regime militar brasileiro. Foi dentro do movimento da Convergência Socialista<sup>1</sup> que surgiu um fio condutor da luta contra o racismo, que mais tarde veio a constituir um dos segmentos mais influentes do Movimento Unificado contra a Discriminação Racial (MUCDR), marco fundamental para a luta política contra as discriminações e desigualdades raciais nas décadas seguintes.

Um *locus* central para compreender as relações entre ativistas negros e a esquerda socialista é a imprensa alternativa brasileira que atuava vivamente durante o regime autoritário e no processo de redemocratização. Dessa imprensa, *Versus* (1975-1979) foi o jornal que melhor expressou a relação entre ativistas negros<sup>2</sup>. Empreendimento jornalístico de esquerda, *Versus*, assim como quase todos os jornais alternativos da época, iniciou sua carreira sem tematizar a questão racial no Brasil, mas devido à forte pressão política de parte de seus ativistas, passou a abrigar um segmento negro significativo a partir do ano de 1977. Segmento esse extremamente importante para a formação do movimento, fundado no ato público das escadarias do Teatro Municipal de São Paulo em julho de 1978.

A escolha do jornal justifica-se também porque, a despeito das alianças político-partidárias, muitos intelectuais e jornalistas tiveram a oportunidade de expor suas ideias e insatisfações contra a imagem da democracia racial nutrida pelo regime militar. Ali se agregavam simultaneamente as esferas política e cultural, esta última com o papel imprescindível dos jornalistas e chargistas, além dos intelectuais sediados na academia ou dos exilados políticos, que ganhavam aos poucos destaque no periódico (Kucinski, 1991). A política, entretanto, era a esfera que colonizava a cultura. Sendo assim, a dimensão cultural se espelhava quase sempre como metáfora para a *politique*.

Nessa relação destaque não apenas a influência dos grupos de esquerda no discurso negro, mas pretendo evidenciar também o conflito político entre esses agentes nas diversas tentativas de construção de uma ação conjunta, sendo essa

---

<sup>1</sup> A Convergência Socialista foi uma das correntes políticas que formou o Partido dos Trabalhadores (PT). No início da década de 90, parte dessa corrente veio a constituir o Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados (PSTU), mas algumas das lideranças negras mais influentes continuaram no PT.

<sup>2</sup> O jornal *Versus* foi consultado em dois acervos: no Centro Cultural Banco do Brasil, sediado na Rua Presidente Vargas, Rio de Janeiro; e na Biblioteca da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. No primeiro, os números dos jornais se encontram em melhores condições de preservação, além de possuir a sequência de todas as edições.

possibilidade muitas vezes frustrada devido à baixa permeabilidade dessas correntes partidárias em absorver demandas de caráter não-classista. O ativismo negro oferecia, neste contexto de tensão, a possibilidade de um enraizamento nas questões próprias do país, dando uma feição nacional para a ação política. Sublinho, ademais, que esse envolvimento entre militantes de esquerda e ativistas negros possibilitou a articulação das noções de *classe* e de *raça* emergentes no pensamento político do período. Longe de ser dominante na esquerda nacional, esse binômio permitiu alguma abertura para alianças e negociações com setores socialistas, universitários, intelectuais e alguns partidos no processo de abertura política. Foi em *Versus* que os ativistas conquistaram a coluna Afro-Latino-América, espaço para tratar dos temas relativos à questão racial no Brasil e em outros países da América e da África<sup>3</sup>.

Do ponto de vista da conjuntura política, o jornal nasce num tempo em que a esquerda revolucionária já tinha sido derrotada na luta armada (Ridenti, 2010). Boa parte de seus militantes estava fora do Brasil, em exílio. E o regime militar prometia um governo de distensão, em meio a censuras prévias, realizadas nas redações da pequena e da grande imprensa. Nessa redefinição das estratégias dos atores políticos em litígio, *Versus* trouxe, em sua primeira proposta, a crítica cultural como metáfora do político. Com o passar do tempo, entretanto, o impresso inverte definitivamente seu objetivo, afirmando a política como o centro do seu projeto editorial. Na transição entre um polo e outro, a temática negra ganha as páginas do tabloide, constituindo-se num espaço de formação de uma identidade coletiva em aliança tensa com o movimento de esquerda socialista.

### ***Red and Black: um pensamento negro socialista no jornal Versus***

Num ambiente político muito marcado pela Guerra Fria e pelo marxismo como forma de intervenção social, os ativistas que se envolveram na constituição de uma coluna negra no *Versus* também flertaram, apoiaram e defenderam abertamente as ideias revolucionárias difundidas pela esquerda política. Esse enquadramento serviu como um filtro para suas leituras e para o tipo de discurso a ser veiculado nas páginas da coluna Afro-Latino-América. Emerge desse ambiente um pensamento negro socialista, isto é, interessado em conciliar a identidade de classe com a de raça.

Do ponto de vista teórico, veio de Sartre a referência intelectual para aproximar a luta antirracista do ideal socialista. Foi desse modo que os editores da

---

<sup>3</sup> Recentemente, a Fundação Perseu Abramo publicou o fac-símile do Suplemento Afro-Latino-América da revista *Versus*.

coluna estabeleceram as primeiras ligações entre os dois temas: “Jean Paul Sartre pensava na atuação do negro socialista. Discute a necessidade de não perder de vista as suas condições objetivas de negro e de trabalhador” (*VJ*, n. 18, 1978: 37). Decorre daí a presença, nesta mesma edição, de fragmentos de *Reflexões sobre o Racismo* (1968), do filósofo existencialista. A obra reúne dois dos textos escritos por ele no pós-guerra, sobre assuntos candentes no mundo francês: o antissemitismo e o “racismo anti-racista” da negritude<sup>4</sup>.

Do excerto de Sartre, os jornalistas absorveram três informações fundamentais: 1) a exploração capitalista colocaria negros e brancos como explorados, de onde se poderia estabelecer uma solidariedade; 2) as estruturas capitalistas deixariam os negros em desvantagem, pois “o operário branco lucra um pouco com a colonização”; e 3) sendo assim, era preciso reconhecer o surgimento de uma “oportunidade histórica” para o protesto negro, o que deveria ser saudado pelos revolucionários marxistas<sup>5</sup>. O filósofo francês já tinha sido inspiração para o editor-chefe de *Versus* Marcos Faerman, jornalista de importantes jornais paulistas e idealizador do periódico, com “A República Silenciosa”, servindo-lhe de metáfora para os anseios de liberdade dos brasileiros frente à ditadura. Novamente reaparece em *Versus*, agora na coluna Afro-Latino-América, subsidiando o argumento de unidade entre o ideal revolucionário marxista e a afirmação racial<sup>6</sup>.

No ambiente doméstico, a influência intelectual de Florestan Fernandes é decisiva. O prestigiado sociólogo era bem-conceituado nos meios políticos negros, sendo o livro *A integração do negro na sociedade de classes* (1964) – especialmente a versão mais resumida da tese presente no livro *O negro no mundo dos brancos* (1972) – referência dos ativistas dessa geração. Em uma de suas declarações públicas ficam evidentes as afinidades entre o projeto político desses ativistas e o pensamento político de Florestan Fernandes: a luta racial tem de caminhar junto com a luta de classes. “Separá-las numa sociedade multirracial, é incorreto” (FSP, 13/05/1979 *apud* Fernandes, 1989: 99).

No seio da intelectualidade negra brasileira, o pensamento de Clóvis Moura (1925-2003) tinha seu lugar. Interessado em conciliar a superação das raças e das classes, Moura via no partido político uma forma de intervenção política eficiente.

---

<sup>4</sup> Há que se esclarecer que o título *Reflexões sobre o Racismo* foi uma criação de J. Guinsburg, que reuniu e traduziu dois artigos de Sartre, *Réflexions Sur la Question Juive* (1946) e *Orphée Noir* (1948).

<sup>5</sup> “República Silenciosa” parece ser uma tradução livre do editor, Marcos Faerman, cujo texto que foi publicado em *Versus* ( n.12, 1977: 37). No original o referido texto é *La République du silence*, extraído da *Les Lettres Françaises* (09-09-1944). Os textos poéticos e contestadores faziam às vezes do discurso político contra o regime militar: era esse tipo de repertório que animava a escrita e o projeto de Marcos Faerman.

Para esse intelectual, o grande desafio da democratização seria o de construir um partido socialista no Brasil com a inclusão dos negros. Seria necessária, para ele, a formação de uma “consciência de raça” e de “classe” para se contrapor ao sistema dominante<sup>7</sup>:

Frente a esse quadro colocamos como indispensável a criação de um autêntico – sem atrelamentos exteriores – partido socialista, onde, ao representar o interesse das parcelas oprimidas, levante não como forma de concessão, mas sim como problemática real da grande maioria da população do país, a bandeira da luta contra o racismo (VS, n.19, 1978:39).

Pelo diagnóstico do autor, o negro deveria tomar a liderança dos processos políticos do país e combater o “racismo oficial”, isto é, o discurso de Estado que negava o racismo e se afirmava como democracia entre os grupos raciais<sup>8</sup>. E, para sustentar seu argumento, trouxe exemplos históricos em que tal protagonismo negro ocorreu no Brasil imperial e republicano, como a revolta da Chibata (1910), a Balaiada (1838-1841) e a Cabanada (1832-1835).

Se Clóvis Moura indica o horizonte socialista para os negros, caberiam aos editores da coluna especificar que tipo de socialismo mereceria um engajamento político-partidário dos afro-brasileiros, tendo em vista que a conjuntura do país tendia mais para uma luta institucional, via processo de liberalização política, do que o assalto violento ao poder. Dessa avaliação do quadro estrutural, restava ao autor a defesa de uma agremiação capaz de conter uma forma de participação no novo jogo político, que contemplasse a um só tempo as demandas de classe e os grupos racialmente subordinados:

O partido socialista defendido por Afro-Latino-América não é ligado à social-democracia. Buscamos, com nossa participação no movimento pela Convergência Socialista, levar as lutas específicas do negro. E ao mesmo tempo, a criação de um partido dos trabalhadores que lutam por sua emancipação (Idem: 42).

O interesse de trazer os ativistas negros para a órbita de esquerda era flagrante. Tão flagrante quanto era a exigência de se afastar dos segmentos de esquerda concorrentes, em particular os rearranjos do Partido Comunista Brasileiro e, sobretudo, os trabalhistas em exílio, que também levantavam a bandeira socialista, numa versão mais próxima da social democracia. Segundo os editores da Afro-

---

<sup>7</sup> Sobre a trajetória e produção de Clóvis Moura, consultar Oliveira (2009).

<sup>8</sup> Moura estava se referindo empiricamente aos pronunciamentos de Ernesto Geisel, então presidente do país.

-Latino-América, os negros não poderiam se engajar na esquerda tradicional, porque esta seria “manobrista” e portadora de “racismo camuflado”. Sob essa rubrica ideológica, deveria emergir um partido de esquerda fortemente sustentado na classe trabalhadora, acenado como uma proposta para a nova luta política vislumbrada pelo processo de abertura democrática. Além dos trabalhadores, outras forças como os movimentos sociais cuja identidade de classe não fosse explícita também estariam inclusos nesse programa político, que deveria “colocar clara e corretamente o problema racial” (*VS*, 20,1978: 42). Na coluna emerge então a pergunta retórica:

É possível um partido socialista debaixo deste regime?

- Sim, desde que este partido articule-se com a capacidade tática de conduzir, aglutinar e comportar as reivindicações de todos os setores oprimidos da sociedade, sejam eles trabalhadores, mulheres, estudantes, negros ou intelectuais. E ainda, temas hoje esquecidos como a ecologia, o imperialismo, a divisão da terra<sup>9</sup>.

Para tanto, seria preciso a participação dos negros em todas as etapas da direção do partido. Mas essas aquisições de poder não poderiam ser reivindicadas via violência, e sim por “relações fraternais”. Cientes de que seria importante somar as forças e não produzir divisões no interior da organização semiclandestina, os editores da Afro-Latino-América se opõem a um partido negro separado; defendem, ao contrário, um partido conjunto, a partir de uma consciência negra. No pequeno artigo “Nós na Convergência Socialista”, a defesa eloquente do engajamento negro na referida corrente política, justifica-se no fato de que tal segmento partidário teria aberto espaço para a inserção da temática racial. Em contrapartida, o negro deveria adquirir uma consciência socialista e se organizar num partido de mesma proposta ideológica.

Os investimentos do grupo Afro-Latino-América na Convergência Socialista (CS) são desproporcionais quando apreciados a partir da carta de intenções da referida corrente, apresentada em *Versus* no bimestre abril-maio de 1978. A coordenação nacional da CS, ao explicar os objetivos dessa organização, defende claramente a formação de um partido, que teria os seguintes rumos: ampla democracia interna, socialista e “dos trabalhadores”. Do ponto de vista das linhas gerais do grupo, defendiam-se a democracia, a anistia, as eleições livres e diretas, a constituinte, melhores condições de vida, apoio aos movimentos sociais e, no tópico internacional, defesa aos “trabalhadores latino-americanos contra as

---

<sup>9</sup> No editorial da coluna Afro-Latino-América, “Nos Sapatos das Bases” (*VS*, n. 20,1978: 40).

ditaduras” e a libertação do povo negro do Zimbábue.

Embora a luta anticolonial seja preservada como uma grande bandeira política transnacional, que aliava o nascente movimento negro e as esquerdas políticas do país, a temática do negro nacional só teve lugar, mesmo assim implícito e difuso, nos objetivos iniciais e públicos da CS, que defendia o extermínio de todos os tipos de “discriminação”. E conclui: “Acreditamos que o partido é a consciência do processo inconsciente do processo objetivo da luta de classes. Construir esse partido é nossa tarefa neste momento”<sup>10</sup>. Entre os jargões obscurantistas, depreende-se o pragmatismo. Na inexistência da “classe para si” e frente a um processo de abertura política, o mais acertado seria investir no potencial dos trabalhadores, que em ocasião oportuna viriam a cumprir o seu papel emancipador como classe revolucionária.

Se a direção da CS só conseguia traduzir as demandas sociais em termos de classe, os agentes cuja identidade forjava-se em outros termos tinham francas dificuldades em relacionar suas questões, tidas como “particularistas”, com aquelas denominadas universais. O esforço reflexivo de intelectuais negros como Hamilton Cardoso, jornalista e um dos editores de *Versus*, foi justamente a tentativa de superação dessa contradição na *práxis* e no pensamento político, introduzindo na equação um paradoxo, e desfazendo-se do raciocínio cuja consequência leva à necessária supressão de uma identidade política. Dessa reflexividade, o ceticismo ou o humanismo se abriam como pelo menos duas perspectivas possíveis. Foi a aposta num pensamento humanista que levou Hamilton Cardoso a ver no socialismo a possibilidade de superação das hierarquias entre as raças. Aos olhos do jovem Hamilton o horizonte utópico era necessariamente socialista. Sem saber ao certo como desapareceriam as causas do preconceito de cor, sua equipe acreditava que o negro era a expressão dos mais explorados e oprimidos no sistema capitalista. Para os redatores da coluna, reeducar a sociedade era caminho seguro para eliminar o preconceito. Assim:

[No socialismo], desaparecendo o conteúdo gerador do preconceito, os homens vão se reeducar, adquirirão uma consciência socialista. Durante esse longo processo, o negro terá que participar com a sua consciência, como elemento mais interessado que os outros, por ter sido o mais lesado no passado (*VS*, n. 20, 1978: 42).

Por sua vez, o argumento em tela não supunha que o socialismo no país deveria ser realizado sem a presença dos negros: “a transformação libertadora só será possível, no Brasil, com os racialmente oprimidos”. Para bom entendedor,

---

<sup>10</sup> Neste momento, *Versus* já estava sob o domínio da Convergência Socialista (*VS*, n. 20, 1978: 4).

o negro no Brasil seria o sujeito histórico da revolução, dado o seu lugar estrutural no processo de exploração de classe. Pelo argumento dos editores, tantos os problemas raciais como os sociais seriam causadas pelo regime capitalista, e sendo assim o negro deveria lutar não apenas pela superação do preconceito e da discriminação, mas também pelo socialismo, entendido “como o fim de todo tipo de preconceito e discriminações raciais” (*Idem*).

Porém, uma experiência histórica não tão distante do Brasil tensionava os ideais utópicos dos ativistas negros socialistas. A revolução cubana era realmente uma pedra no sapato. Sobre isso, comentaram: “em Cuba, os negros estão lutando violentamente, para conseguir espaço, porque se forem esperar apenas que aquele governo abra os leques da sociedade para eles, perderão”. Haveria duas explicações para aquela realidade: fato era que o negro não tinha a mesma igualdade na distribuição do poder político. Mas isso se dava ou porque o afro-cubano não reivindicava espaços de poder, preferindo uma solução paternalista, ou porque o regime socialista guardava uma herança capitalista, que preteria o negro das posições centrais da política cubana. Sem optar por uma ou outra explicação, os editores da Afro-Latino-América deixavam em suspenso o caso real de socialismo, e apostavam na utopia: “o conceito de socialismo já implica numa não discriminação racial” (VS, n.19, 1978: 42).

Contudo, é no artigo “Em defesa do marxismo” que o jornalista Hamilton Bernardes Cardoso iria comprar abertamente a briga com os setores do movimento negro opostos ao associar a sua luta ao projeto socialista. Contrapondo-se, muito provavelmente, aos escritos de Carlos Moore, dissidente do regime castrista e vivendo em exílio na Europa, Hamilton precisou elaborar uma resposta contra os segmentos negros que se impressionaram com o livro *Were Marx and Engels Racists?*<sup>11</sup>. Fato era que os ativistas adeptos do marxismo estavam em suspenso frente às considerações do exilado político da Revolução Cubana.

O livro de Moore era uma recusa frontal ao marxismo como opção dos negros para suas realidades políticas, seja para o processo de descolonização africana, seja para as lutas políticas americanas. Moore defendeu, em 1972, que Marx e Engels nunca se preocuparam com a questão racial e colonial; ao contrário, eles eram propriamente herdeiros do pensamento colonialista, evolucionista e determinista racial produzido no Ocidente. Com dificuldade de retrucar esse argumento, o jornalista Hamilton Cardoso preferiu deslocar a questão, apreendendo-a por outro viés. Segundo ele, o problema não seria exatamente a

---

<sup>11</sup> O livro só foi publicado recentemente no Brasil, sob o título *Marxismo e a questão racial* (Moore, 2010).



figura de Marx, mas como os marxistas atuais se comportavam frente à realidade racial. E aponta ainda o próprio marxismo como uma teoria de intervenção da realidade: “O problema não reside no marxismo, mas nos marxistas”, afirma o jornalista. Ele acreditava que o marxismo como instrumento seria potente, isso se caísse nas mãos de outros grupos e povos que não fossem etnocêntricos, ocidentais e brancos. A aposta dele era de que o marxismo teria outro contorno nestes países, sendo capaz de superar o racismo. Em suas palavras:

Erram os negros quando pensam que o marxismo não serve para o negro em sua luta política contra o racismo, assim como é um grave erro dos marxistas brancos afirmarem que não devem se imiscuir na luta dos negros. Em verdade, a luta anti-racista não é e não deve ser uma luta de uma raça, mas do conjunto da humanidade (VS 33, 1979: 37).

Na avaliação de Hamilton Cardoso, a esquerda, ao longo de sua história, não percebeu o potencial revolucionário das massas negras do pós-abolição e perdia novamente a juventude da década de 1970. Diz o colunista: “o papel da vanguarda do movimento de massas seria canalizar este potencial para a luta revolucionária, organizada, contra o racismo, a burguesia e o capitalismo” (Idem). Buscando uma conciliação entre raça e classe, Cardoso afirmava que a sociedade brasileira era profundamente racista e terminava seu argumento acusando os marxistas de não perceberem a formação do país, perdendo assim o *timing* da história. Para ele: “o problema da revolução, no Brasil (...) esta[va] no processo de integração política das raças e culturas aliada à superação das classes sociais.” *Versus*, n. 33 (VS, n. 33, 1979: 38).

Não havia diferenças entre os brancos marxistas e os colonialistas europeus que queriam converter os negros à humanidade, exigindo deles a conversão ao cristianismo, diz o autor. É por conta disso que o problema todo não estava no trabalhador negro ou no proletariado, e sim na sua vanguarda, incapaz de compreender as especificidades da realidade nacional. Se Hamilton tinha razão ou não, só a História poderia julgar. Fato foi que esse grupo depositou suas energias utópicas na possibilidade de conciliação entre raça e classe como força motriz de uma única luta política. A aposta, entretanto, foi frustrada e o grupo sofreu uma dupla derrota. Isso porque ao contrário das forças políticas socialistas e negras se apresentarem num movimento só, houve uma rearticulação intensa na abertura política levando a separação entre essas formas na esfera política.

Assim, com o processo de constituição das forças políticas que se avolumaram no contexto de redemocratização, ao grupo analisado, abriram-se vias para duas formas de ação política: de um lado, o movimento social negro; de outro, o Partido dos Trabalhadores. Ao primeiro coube a aposta numa forma

não institucionalizada, com seu marco fundador em julho de 1978, nomeando-se inicialmente sob a designação abrangente de Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial<sup>12</sup>. Tratava-se de um movimento social que erguia bandeiras anticolonialistas, defendia uma “autêntica democracia racial” e denunciava publicamente as discriminações raciais, inclusive as relacionadas à violência policial. Meses depois, por sugestão de Abdias do Nascimento, recebeu o termo *negro* em seu título, restringindo-se a Movimento Negro Unificado<sup>13</sup>. Pela via institucional, por outro lado, o segmento Afro-Latino-América veio a compor, junto à Convergência Socialista, mais uma das correntes da agremiação partidária fundada no Colégio *Sion* às vésperas do carnaval de 1980.

### **Considerações finais: novas questões para os anos 1980**

Na imprensa alternativa, o debate sobre raça e classe não se esgotou no fim da década de 1970. No decênio seguinte o tema esteve em pleno vigor. Não por acaso intelectuais e feministas negras debatem abertamente as possibilidades de transformação social articulando essas reflexões sobre a chave da exploração de classe e a opressão racial. Mesmo o intelectual mais destacado de *Versus*, Hamilton Cardoso, passou o período da redemocratização inteiro refletindo sobre o processo político a partir desse binômio seguindo, assim, uma linhagem heterodoxa do pensamento marxista (Oliveira; Rios, 2014).

Com efeito, a articulação entre raça e classe foi tenazmente debatida no processo de ampliação do espaço público brasileiro, processo esse que viu a perda da centralidade do debate de raça e classe articulados à revolução socialista e passou a vê-lo sob o viés da transformação democrática. Não se tratava da defesa de uma democracia procedimentalista, mas da busca de um ideal democrático

---

<sup>12</sup> Segundo o jornal “Abertura”, editado dois meses depois do ato das escadarias do Teatro Municipal de São Paulo, tratava-se de “Uma manifestação digna. Embora tardia”. Esse repórter avaliou que o evento tinha cerca de 1000 pessoas, que tentavam ouvir as vozes dos militantes mesmo em meio às dificuldades técnicas do megafone. O evento foi chamado alguns meses antes, por meio de 10 mil panfletos distribuídos em casas de shows, no viaduto do chá, nos bailes “Soul” e na pequena e na grande imprensa. O Jornalista que fez a cobertura, Everaldo Oliveira Souza, chamou atenção para o fato de que embora a maioria dos presentes fosse composta por negros, havia também representações da Convergência Socialista e da Juventude Judaica, que também fizeram pronunciamentos no local. No caso em particular da corrente trotskista, o jornal reproduz trechos do discurso: “a superação dos problemas que afligem a população negra somente será possível em uma nova sociedade” ou “os negros brasileiros são discriminados na vida social de um país que ajudam a construir com seu trabalho, desde os tempos da cruel escravidão, sofrem na carne todas as misérias criadas pela sociedade capitalista” (Ano I, N.1, Set/1978).

<sup>13</sup> Ver depoimento de Milton Barbosa (julho 2004), CPDOC/FGV, Rio de Janeiro.

que levasse em conta o enfrentamento das desigualdades sociais, estruturadas não só sob o eixo classista, mas também no eixo do racismo. A intelectual Lélia Gonzalez, que é personagem e autora em vários jornais da imprensa alternativa nos finais de 1970 também apresenta reflexões nessa direção:

Poder-se-ia colocar a questão típica do economicismo: tanto brancos quanto negros pobres sofrem os efeitos da exploração capitalista. Mas na verdade, a opressão racial faz-nos constatar que mesmo os brancos sem propriedade dos meios de produção são beneficiários do seu exercício. Claro está que, enquanto o capitalista branco se beneficia diretamente da exploração ou superexploração do negro, a maioria dos brancos recebe seus dividendos do racismo a partir de sua vantagem competitiva no preenchimento das posições que, na estrutura de classes, implicam nas recompensas materiais e simbólicas mais desejadas. Isso significa, em outros termos, que se pessoas possuidoras dos mesmos recursos (origem de classe e educação, por exemplo), excetuando sua filiação racial, entram no campo da competição o resultado desta última será desfavorável aos não-brancos (Gonzalez, 1981: 62).

Nesse sentido, o debate herdado do contexto das lutas pela democratização alcançou toda a década de 1980. Não por acaso durante o processo constituinte, surgiu o *Jornal Raça e Classe*, em Brasília, formado por militantes negros, em sua maioria pertencente ao Partido dos Trabalhadores. Tal debate também recebeu algumas inovações políticas quando incorporado pelas feministas negras, cujas trajetórias cruzavam-se com as dos movimentos sociais e agremiações políticas de esquerda no Brasil. Mas essa junção, que aliará raça, classe e gênero é um capítulo novo da história política do país que merece uma discussão à parte<sup>14</sup>.

## Bibliografia

FERNANDES, Florestan (1964). *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: USP/Editora Anhembi. Vols. I e II.

\_\_\_\_\_. (1972). *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Difusão Européia.

\_\_\_\_\_. (1989). *O significado do Protesto Negro*. São Paulo: Editora Cortez.

---

<sup>14</sup> A articulação entre raça, gênero e classe foi analisada por Rios e Ratts (2015) no artigo intitulado "A Perspectiva Interseccional de Lélia Gonzalez".

- MOORE, Carlos (2010). *O Marxismo e a questão Racial*. Belo Horizonte: Nandyala/ Cenafro.
- GONZALEZ, Lélia (1981). A questão negra no Brasil. In: *Cadernos Trabalhistas*. São Paulo: Global Editora.
- GUIMARÃES Antonio Sérgio (2008). A recepção de Fanon no Brasil e a Identidade Negra. *Novos Estudos* CEBRAP, n. 81, São Paulo.
- HANCHARD, Michael George (2001). *Orfeu e o poder: o Movimento Negro no Rio de Janeiro e São Paulo (1945-1988)*. Rio de Janeiro: Eduerj.
- KUCINSKI, Bernardo (1991). *Jornalistas e Revolucionários*. São Paulo: Ed. Página Aberta.
- OLIVEIRA, Fábio Nogueira de; RIOS, Flavia (2014). Consciência negra e socialismo: mobilização racial e redes socialistas na trajetória de Hamilton Cardoso (1953-1999). *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 4, n. 2, São Carlos.
- OLIVEIRA, Fábio Nogueira (2009). Clóvis Moura e a sociologia da *práxis* negra. Dissertação de mestrado (Sociologia e Direito), Universidade Federal Fluminense.
- RIDENTI, Marcelo (2010). *O fantasma da revolução brasileira*. São Paulo: Editora Unesp.
- RIOS, Flavia (2014). *Elite Política Negra no Brasil: relação entre movimento social, partidos políticos e Estado*. Tese de Doutorado (Sociologia). Universidade de São Paulo.
- RIOS, Flavia; RATTS, Alex (2015). A Perspectiva interseccional da Lélia Gonzalez. In: PINTO, Ana Flávia Magalhães; CHALHOUB, Sidney. (Org.). *Pensadores negros - pensadoras negras: Brasil, séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro/ Belo Horizonte: MC&G Editorial; Editora Fino Traço. (Prelo).
- SANTOS, Gevanilda dos (1992). *Partido Políticos e Etnia Negra*. Dissertação de Mestrado (Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- SARTRE, Jean-Paul. *Reflexões sobre o racismo*. São Paulo, Difel, 1968.
- SOARES, Claudete (2012). Raça, classe e ações Afirmativas na trajetória de militantes negros de esquerda. *Política & Sociedade*, vol. 11, n. 22.